

Genialidades de Machado de Assis: seu discurso, sua produção de texto

Édson Sandin Magalhães (FEUDUC)

O objetivo deste texto é analisar as sensíveis alterações assinaladas em generalidade por Miguel-Pereira (Lúcia, *Prosa de Ficção*) e a chamada independência indicada por Cândido (Antônio, *Formação da literatura brasileira*).

A pletora da metodologia se define na estratégia de caminhar por espaços da concepção do observacionismo formal, de modo a colocá-lo na linha do pragmatismo formal. Ressalva-se o parecer crítico ao formal feito por Hans Albert, crítico racionalista. Albert identifica-o como desumano, quando reduz o tecido do jogo com o normativismo.

A estratégia é arte. Uma parte da estratégia comporta a imaginação, na advertência de Edgar Morin, cuja atenção ulteriormente Ética se salienta na complexidade da natureza das relações.

Estrategicamente, o método traz uma grande preocupação com o tema ou o problema da passagem (Übergang).

Desde Kant, a passagem constitui um movimento interessante: passar da finitude para a infinitude; da vida para a morte (no caso de JMMA pode ser da morte para a vida, no discurso); de uma ordem para outra ordem – princípio da alteração ou geração.

Os princípios respondem pela convergência de áreas diferentes do saber, e a passagem inova, transforma, cria, recria, recreia, na forma e no humor de JMMA.

A opção pela forma da obra se deve ao cansaço de dividir tarefas com a concepção de estrutura. Esta fez sistema – o estruturalismo – com recaídas barrocas, suas dicotomias. Dicotomizar é a arte de separar, de dividir; complicar sem complexificar.

Para complexificar e não complicar, a forma será cuidada também de modo a não privilegiar a idéia de sistema, no caso, o formalismo.

A perspectiva da esfera do pragmatismo formal, no espaço da complexidade, cede notas para uma analítica gramaticalizável num paradigma que reduz suas condições de possibilidade num aspecto da linguagem e que as amplia na ética da compreensão do ato.

Notas para algumas questões de forma

Na notação que fizemos, breve, sobre Dom Casmurro, ficou claro que Bentinho *ouve* e conta-nos o que ia ouvindo, atrás da porta: a conversa entre D. Glória e José Dias.

Foi descoberto, na ocasião, um possível tipo de discurso, o *quase indireto-livre*, quando José Dias joga uma locução para dentro de si mesmo e “dá para percebê-la”, como se a tivesse articulado.

O relato em primeira pessoa assinala um cunho do real histórico ou testemunhal; a personagem onisciente simboliza a projeção

do possível autor ou criador do discurso; este, então ganha vida própria.

A vida própria de um discurso corresponde a um diálogo intrínseco, no espaço da esfera metalingüística: o vitalismo e a valoração entram em contato direto com a genealogia formal do discurso.

Essa genealogia formal do discurso é o nosso problema central.

Da externalidade, não se traz apenas o autor em forma de personagem-narradora – Bentinho, no caso *Casmurro*, mas também a inversão ou frustração da constituição do mito possível, do mundo mitêmico possível.

Para Claude Lévi-Strauss, o mito só é possibilitado pela visão; nela é que se instalaria, e não na audição de Bentinho, no caso do ambiente de *Dom Casmurro*. Essa atitude de JMMA age progonamente, pois Lévi-Strauss não estava ainda em cena, no contexto ou na situação dessa externalidade: a citação deste constitui um anacronismo, em referência ao final do século XIX, era do surto das idéias experimentalistas e positivistas, chamada de “*idéias novas*”, já na época.

Não conhecia, ainda, o recurso, em estágio de forma frásica escrita, do *flash back*, introduzido por JMMA; além desse recurso, o cultor de genialidades discursivas também já projetava, fazia a autêntica prosa. Em toda a sua escritura da fase realista vaticinava na prática ações no espaço formal do não-ser ainda, que seria o termo do por vir, antecipando a concepção ontológica do “ser-no-mundo”

de Martin Heidegger, numa perspectiva existencialista (Heidegger, *ser e tempo I*).

Machado escapa do tecido ideológico

Numa perspectiva existencialista, mitigadora do subjetivo ideal romântico de essencialismo e espiritualidade (na expressão do ecletismo espiritualista), o realismo de Machado promete sentimentos e sensações. De tal modo se arquiteta o tecido “extraordinário”, que, em notas “ao leitor”, o próprio Brás Cubas diz, onisciente da sua competência lingüístico-discursiva de ato que faz fato: “conseqüentemente, evito contar o processo *extraordinário* que empreguei na composição destas *Memórias*, trabalhadas cá no outro mundo”. Entenda-se mundo do outro: interlocutor que assume o ponto de vista do seu destinatário dialógico; por isso, ficará para uma próxima palestra o relato de um outro trabalho: “O princípio da dialógica da teoria da Complexidade no tecido da linguagem discursiva de Machado de Assis, em *Memórias ... e Dom Casmurro*”. (Inédito de Edson Sendin, in: *Genialidades de Machado ...*)

No “Prólogo da quarta edição”, o próprio Joaquim Maria Machado de Assis escolhe uma alma para o livro *Memórias...* Ela, no seu vitalismo autônomo, como se estivesse num possível não-espaco da linguagem, conclui a justificativa da viagem (ação de discurso que faz fato, a enunciação narrativa, que fica), com a palavra na explicação do finado (Brás Cubas): “trata-se de uma obra difusa, na qual eu, Brás Cubas, se adotei a *forma* livre de um Sterne ou de um Xavier de

Maistre, não sei se lhe meti algumas rabugens de pessimismo” (citação do próprio Machado – JMMA). E este continua, segundo ele próprio, e parece que se vaticina na criação a estratégia de heterônimos, como acontecerá em Fernando Pessoa, no movimento de Orfeu do Modernismo português. Disse Machado: “toda essa gente viajou: Xavier de Maistre à roda do quarto, Garrett na terra dele, Sterne na terra dos outros. De Brás Cubas se pode talvez dizer que viajou à roda da vida”.

Atente-se ao espaço onde se colocam as camadas de sentimento e sinestesia, na originalidade de um novo tecido heurístico e pragmático: heurístico, na revelação do método sem precedentes; pragmático na fidelidade ao “imprinting” cultural, que enriquece toda a obra, de maneira recursiva.

Sentimento e sinestesia sem a mitologizadora visão

Machado, ele-próprio, mistura espiritualidade e sensação, diferente, portanto, do Eça de Queirós, quando este sagrava seu manifesto da “Questão Coimbrã”: “pinta tua rua tal qual ela se te apresenta”! Enquanto JMMA assume, nestes termos, seu próprio manifesto, já criando e compondo a consciência do autor do romance ou do texto (verdadeiro intertexto): “há na alma deste livro, por mais risonho que pareça, um *sentimento* **amargo** e áspero, que está longe de vir dos meus modelos”. Assim o grande e genial escritor comete esta genialidade: escapa de recair no mito, pois o ideológico se forma de mitos e valores, e os mitos se instalam na visão. O gênio de Machado entra

na percepção pelo *sentimento* e reduz ou mitiga suas possibilidades românticas com o epíteto determinantes **amargo – campo da sensação gustativa ou do paladar**. No mesmo sintagma, paratática e aditivamente, o predicador (adjetivo) “amargo”, indicador semântico de gustação, ladeia o outro ou seguinte epíteto “áspero”, qualificador de sensação háctica ou tátil, com o qual se compõe a sinestesia complexa – gustativa e háctica. O autor e os heterônimos (realizações metalingüísticas da autocrítica da ação ao fato), enfim, pela observação e pela auto-análise sentidas e sensíveis, e até cinestésicas e sinestésicas, acumulam experiências; viajando, descobrem caminhos para não serem abandonados.

Em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, Machado inaugura a segunda fase, a do verdadeiro Machado de Assis. Larga o batido do Romantismo, embora não esgotado, para descobrir o seu caminho, e consegue-o. Abandona convenções. Segue suas inspirações. Os demônios ouvidos agora são próprios. “O que houve foi eclosão das riquezas de uma personalidade, ou explosão de um gênio” (CORÇÃO). Passa uma polifonia dos sonhos de razão, para suceder o pessimismo da razão do sonho, do humor pungente, da secura da linguagem, da sua reticência, da penetração psicológica em práxis aplicada às personagens e suas ações e relações; da tragédia humana, das verdadeiras pessoas humanas, verdadeiras como diferentes de tipos, verdadeiras como possuidoras de misérias e grandezas. Por essa via, pode-se penetrar na complexidade textual de Machado, mas a demonstração do que se postula vai ficar para uma outra oportunidade,

a fim de se acatarem os rígidos princípios acadêmicos da divisão de tarefas.

E as *Memórias* (...) acabam sendo a “resposta da irremediável tolice humana” (VERÍSSIMO, **In:** *História da Literatura Brasileira*). Só resta, no além-túmulo, a Brás Cubas sorrir amarga e asperamente da vida e dos homens. O riso se estende até uma conclusão que une o óbito da abertura da narrativa ao óbito de uma personagem que, ao final de toda a obra, sem sequer chegar a ser ou se constituir, ampliaria, se nascesse, mais um filho de ficção cuja criação ou acontecimento não se distinguiria também desta maior sensatez do Brás, em forma – é claro – de discurso, com esta enunciação interlocucional de pureza performativa-negativa: “não tive filhos, *não transmiti a nenhuma criatura o legado da nossa miséria*”. (Último capítulo, número CLX, “Das negativas”).

Em mais um Machado achado dos muitos que ainda reclamam vez na trajetória da linguagem e no rastro da gramática da complexidade semântica, no penúltimo capítulo de *Memórias Póstumas*, CLIX, “A semidemência”, fica mais uma notação para o próximo artigo de comunicação, intitulado *Genialidade de Machado na teoria da Complexidade*: trata-se de admitir que a complexidade humana unidual, que aparece em Morin expressa na unidade “homo sapiens/demens”, já se formulava em Machado, há cento e vinte e cinco anos atrás, mitigada em “semidemência”, que nos faz pressupor um possível e analógico “homo semi-sapiens/semidemens”. Para uma cultura filosófica brasileira, que contou, no seu começo, com o sis-

tema do “empirismo mitigado”, seu “imprinting” arrastaria a tradição ou o hábito mitigador para o Romantismo “mitigado” para além da estética comum do sentimentalismo, num realismo também “mitigado”, para além da ideologia, com promessas de eternidade e universalidade. Bastaria, conclusivamente, ir ao texto e à crítica para testá-lo. A operacionalidade desse desafio se resumiria em vasculhar o discurso plausivelmente, até colher nos testes uma reiteração taxionômica, que vale como prova do argumento.

Prógono ou universal

Parece que os últimos argumentos indicam ou fazem triunfar a lógica das duas hipóteses em apóstrofo: são muitas antecipações das descobertas das ciências humanas em Machado para que se possa evitar o predicado de prógono a atribuir-se a um autor com o perfil do “único”. E, neste estágio de consciência, poderia entrar a tese habermasiana do agir comunicativo (HABERMAS, **In:** *Consciência moral e agir comunicativo*). Passam-se os ideais humanos de universalidade pelo discurso, através do jogo da linguagem, avançam em Habermas, agora aplicado em Machado, por via do envolvimento das esferas públicas dos valores edificados ou bem corroborados: pelo menos de início, a universalidade brasileira se atinge. E essa universalidade já tem bastante eco e reflexo e troca da polifonia de muitas outras nações; essa observação permite este trabalho sugerir uma investigação no quadro do Machado, na perspectiva planetária; nessa grande locução que é o intertexto, Machado, na composta forma

verbal que são no caso suas obras, estaria funcionando como o auxiliar modal dessa locução da comunidade de comunicação, que é a polifonia universal dos verbos dos contextos ecoliterários e ecolinguísticos que fazem os sistemas de enunciação das alternativas de comunicação entre os indivíduos humanos, não só por causa das temáticas e problemáticas dos seus textos, mas também em relação às esferas do seu discurso recorrente, recursivo, hologramático e dialógico: nesse conjunto discursivo, não se apaga a hipótese de Machado estar identificado ante um discurso de origem intuitiva, embora sem a monofonia mística e repetitiva dos intuicionista incognitivista, pois em Machado a racionalidade permanece como pletora da argumentação, da sua taxionomia crítica e autocrítica, num comportamento de um pensador heurístico, todavia com o pé fincado nos atributos das práticas sociais e psíco-filosóficas das figuras humanas que interagem nos escritos machadianos. Os escritos machadianos, enfim, se infiltram em várias áreas do saber, com predominância humana. Não seria, portanto, arriscado o título de humanista na imagem de Machado. Para esse título se consolidar ainda mais, porém, conjecturamos que este caminho contribui bastante: *estimá-lo como prógono e universal, identificação e penetração nos valores atemporais, enxutos de mitos e disponíveis para uma trama da passagem do discurso para a universalidade sem fazer pletora do ideológico*. Esse recurso ocorrido a partir de Machado – maneira de passar do discurso para o universal (fenômeno da passagem) – por si só, faria de Machado, do nosso Machado de Assis, um escritor da moda, e resiste

a outras modas, como autor recursivo, contemporâneo de todos nós que temos, pelo menos, nove séculos de literatura e de gramaticalização da língua portuguesa, somados há, particularmente, quatro séculos de um inteligente e edificante convívio com a gramática, embora já modificada em suas partes, de Fernão de Oliveira [1536] e João de Barro(s) [1540] e das concepções de Luís Vaz de Camões, ao entrecruzar áreas fundamentais como a de Oliveira e de Barro com as variações estilísticas quinhentistas, que valem e ajudam a unidade da Língua Portuguesa até hoje, sob o signo da resistência como alternativa condição de possibilidade para o jogo da linguagem, do homem de quinhentos ao homem de sempre, e para a pretensão de validez, para modelo de homem humano, que dispensa, a favor da fraternidade universal, a monofonia dos poderes locais, quando estes se fecham em coisas locais, poderes locais impermeáveis à justiça e aos ideais gerais dos homens; e até os cultores desse aqui apontado “localismo”, fecham-se em busca da consagração de uma possível *história local fundada nesses poderes*, análogos à pretensão da *justiça nas próprias mãos e às normas locais incompatíveis aos critérios de valorização da universalidade nacional e planetária*. No entanto, a grandeza de Machado não cobra preços locais.

Não cobrar ou evitar como ausência de forma ou da forma ausente

De certo modo, já vimos e assinalamos neste trabalho o significado da ausência em forma no tecimento do contexto de Machado.

Considere-se que Brás Cubas é um defunto autor e não um autor defunto: nesse defunto sintagmável, sujeito e predicado ao mesmo tempo, volitivo e universal, respectivamente, agente e ação, o seu ser “nasceu” para ser formal e funcional e não estrutural, pois não agencia somente um partido, mas todos os limites da contingência humana: é, portanto, determinado e não determinante; ele é feito, não faz e comunga, agora, sem passagem porque é imanente e simultânea a coexistência de ente, Brás se nos apresenta como criatura e, embora sem sê-lo, criadora, apenas como condições de possibilidade na coabitação do mesmo espaço de estar do humano. Essa situação machadiana faz de uma personagem onisciente o heterônimo como fato ou evento do triunfo da potência de validade da metalinguagem. Nesse exemplo, que é JMMA transfigurador do inevitável e não da possibilidade, avulta efetiva a criação: o resultado de uma trama ou de uma estratégia – questão hermenêutica - não deixa de fazer dialogar a externalidade (o *a priori* do discurso – sem caráter plena e necessariamente transcendental) com a internalidade, que são suas próprias figuras ou literariedades. O transcendental não se plenifica nem é necessário, pois é *mitigado* pela força ou pretensão de validade – não mais validade de sua potência submetida à facticidade – escorada ou efetivada numa nova metafísica, esta surgida na situação e no contexto da pragmática, quando esta faz questão de eficácia, como adverte Richard Rorty. E a eficácia se comprova nas efetividades do realismo.

Forma ausente declarada

Umberto Eco (**In:** *Estrutura ausente*) chamara de estrutura ausente um dos fenômenos semelhantes a esse de declarar a ausência do fato locucional para significar contra o explícito. No Machado, esse não-dito, como consciente e dialética recusa formal de dizer, se enuncia, nestes termos: “não digo mais para não entrar na crítica de um defunto, que se pintou a si e a outros, conforme lhe pareceu melhor e mais certo”.

É o estado de escritor-autor ou ensaísta da prática de compor romance na técnica que a geração de Roland Barthes denominaria de *Gramática da narrativa*, com ele, Bremond, Todorov, no seio do grupo “*Communication 8 (huit)*”, nome da revista de autoria do grupo de cientistas da linguagem.

Desse modo, cada componente da enunciação, cada elemento compositor das situações do romance realista, cada personagem, mais restrita e precisamente, se caracterizam tanto pelo que se diz quanto pelo que não se diz. Assim, os lugares se denominam com topônimos próprios, as pessoas, com antropônimos próprios, e os fenômenos e fatos, estes decorrentes de ações comuns e habituais, se concretizam, nos interiores espaços de habitação do humano. Internalizam-se, pois, em Machado, antecipando Cornelius Castoriadis (*in: A encruzilhada do labirinto*), o imaginário se concretiza na ação do imaginário instituinte social. Com ele, constroem-se também alternativas para os indivíduos humanos como indivíduos antro-psico-

sociais, inseridos na sua trama de complexidade, ou seja, na sua trama de interagir de si para si mesmo e de si para o outro.

Conclusão

Machado apropria-se, com discernimento propriamente genial, da técnica do narrador volúvel (sujeito e concretizado historicamente na primeira pessoa, que mistura a função emotiva e lírica da linguagem com o real social). No predicado se dá a universalidade que precisa de ação, na significação verbal, que afirma o volitivo caráter do agente dessa ação. Nessa universalidade e na interação entre o sujeito e o predicado, o coesivo é aquele termo conector a que se prende a complexidade dos romances da segunda fase. A coesão se processa progonamente, nas figuras de linguagem e nos já comentados recursos formais, com que se monta a narrativa.

Por uma intuição decisiva, capta o humorismo autocomplacente de Sterne (**In:** *The life and opinions of Tristram Shandy, Gentleman*, Boston: Riverside, 1965, XV). É uma fonte pela qual Machado se liga à predileção inglesa pelos caracteres peculiares que se conectam à eclosão da cultura democrática na Inglaterra. Essa predileção serviria para expressar alguns traços da excentricidade de nossa elite. Vinculavam-se tais traços ao padrão burguês moderno; mas, divergiam escandalosamente do plano das relações sociológicas. Efetivamente, Machado de Assis articula o social com a imanência poderosa.